



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

27 e 28 de janeiro de 2018

Diário Catarinense (Capa) e A Notícia
Radar da Violência nas Estradas
"Marcas do asfalto"

Marcas do asfalto / Rodovias Federais e Estaduais / Santa Catarina / Estradas / Acidentes / Engenharia Civil / Formada / Universidade Federal de Santa Catarina / Camila Belleza Maciel Barreto / Conceito de Vias que perdoam



MARCAS DO ASFALTO

Cruzes são colocadas em trechos da BR-282 com acidentes fatais

ENTRE 22 DE dezembro de 2017 e 10 de janeiro deste ano, 55 pessoas perderam a vida nas rodovias federais e estaduais de Santa Catarina. Quase um terço dos casos ocorreu na BR-282



LARISSA NEUMANN
larissa.neumann@somosnsc.com.br

De moto, Lourival Martendal percorre o curto trajeto entre uma borracharia, na beira de uma das retas da BR-282, em Alfredo Wagner, até a primeira curva do trecho, no Km 105. Parado no acostamento, mal retirou o capacete da cabeça quando começou a chover forte. O asfalto molhado recriou a cena que o agricultor gravou na memória. Há menos de um mês, ele presenciou o acidente que matou três pessoas da mesma família – entre elas, um bebê em gestação e uma menina de 12 anos.

Na tarde de 29 de dezembro, o carro em que as vítimas estavam saiu da pista e se chocou de frente com um ônibus de viagem que ia de Florianópolis para Lages. No local, ainda há vestígios da colisão, como pedaços de lataria e faixas de isolamento.

– O carro se perdeu na curva e uma caminhonete veio e bateu atrás. Na hora, não deu nem para saber de onde era o veículo. Tinha que ter mais fiscalização. Aqui não tem aquelas tartarugas na estrada para causar algum barulho no pneu. Já fui daqui até Florianópolis em feriado e só na ida vi três carros de ‘pernas’ para cima – lembra.

As três vítimas estão entre as 55 mortes registradas nas rodovias federais e estaduais de Santa Catarina entre 22 de dezembro de 2017 e 10 de janeiro deste ano, uma média de três casos por dia. O número faz parte do levantamento realizado pela NSC Comunicação no período de festas de fim de ano. A BR-282 concentrou, sozinha, 30% das ocorrências.

A 200 quilômetros do local mostrado por Martendal, também em uma curva, Grazielle dos Santos, 30 anos, esfrega a mão no braço para espantar o calafrio. Apesar da chuva que insiste em cair na cidade de Vargem, na Serra, o desconforto não é causado pelo frio, mas por lembranças de uma tragédia.

– Ouvimos um estouro bem grande e a gente correu (para a rodovia). O carro estava querendo incendiar. O cara pegou o extintor e já estava indo apagar. Fomos eu e meu marido, mas eu não fiquei para ajudar. Vi que tinha uma cadeirinha de criança e saí. Ela tinha três meses, bem pequeninha. Aqui morre bastante. Ficamos com muito medo – conta Grazielle, que também é mãe e mora em frente ao local do acidente.

A curva fechada, que se torna escorregadia em dias de chuva, ostenta um asfalto de cor cinza-escuro com faixas amarelas visíveis e tachões refletivos, diferentemente de outros quilômetros da BR-282, que, às vezes, sequer têm acostamento. Mas a sinalização não foi suficiente para evitar a morte de seis pessoas da mesma família, incluindo o bebê e outro em gestação, na noite de 2 de janeiro deste ano.

– Deveria mesmo duplicar essa estrada aqui. Há casos que são por imprudência, mas a maioria é por causa de buracos na estrada. A pessoa vai desviar e acaba se acidentando – analisa o caminhoneiro Eliel Veiga, 38, que há oito trafega por cerca de 10 horas diárias pela BR-282 entre São Miguel do Oeste e São Bento do Sul transportando colchões.

As memórias, relatos e críticas de testemunhas como Martendal, Grazielle e Veiga descrevem um problema crônico de Santa Catarina: o mau estado das estradas, somado à imprudência de motoristas, faz dezenas de vítimas todos os anos.

SEGUI



PISTA SIMPLES AUMENTA RISCOS DE COLISÕES

Mesmo concentrando o maior número de mortes em acidentes no período levantado pela reportagem, a BR-282 não é considerada a mais perigosa do Estado. Segundo a Polícia Rodoviária Federal, a BR-470, no Vale do Itajaí, registra alta taxa de óbitos em um trecho mais curto – tem 350 quilômetros, metade da outra rodovia que sai da Grande Florianópolis até o Oeste.

– É um período muito curto para análise. Em outros intervalos específicos do ano, a rodovia 470 tem mais acidentes com mortos do que a 282, que é uma estrada muito perigosa. É a federal mais extensa de Santa Catarina e tem quase todo o seu percurso em pista simples. Mas, em números absolutos, anualmente, temos mais mortes na BR-101, seguida da 282 e da 470. Proporcionalmente,

os acidentes das BRs 282 e 470 são mais graves do que os da BR-101 – analisa o inspetor do Núcleo de Comunicação Social da PRF/SC, Carlos Possamai.

TRECHOS MAIS PERIGOSOS ENTRE PALHOÇA E SANTO AMARO

De acordo com o agente federal, considerando dados de 2012 até 2016, os trechos mais perigosos da 282 estão em Palhoça, na Grande Florianópolis, entre a BR-101 e Santa Amaro da Imperatriz, o que demonstra um segmento crítico.

Os demais quilômetros tidos como pontos graves são em Rancho Queimado e Alfredo Wagner, região onde um dos acidentes mais violentos foi registrado em 29 de dezembro. Ainda segundo a polícia, o

trecho próximo ao trevo de acesso a Chapecó, na altura do Km 532, também é considerado um dos mais perigosos.

Já na malha viária estadual, conforme o tenente-coronel da Polícia Militar Mauro Palma Rezende, chefe da seção operacional do comando de policiamento rodoviário em Florianópolis, a SC-108 é a que mais teve acidentes com vítimas fatais. Só entre dezembro e janeiro, conforme o levantamento feito pela reportagem, três pessoas perderam a vida nesta estrada.

– Ela é também a mais extensa rodovia estadual, com 438 quilômetros de Joinville até a divisa com o Rio Grande do Sul. Isso torna difícil uma análise sobre a mortalidade, pois estradas bem menos extensas apresentam, proporcionalmente, mais mortes por quilômetro – pondera.

OS PERIGOS DA RODOVIA QUE ATRAVESSA SANTA CATARINA

Dados de 2017 da Confederação Nacional do Transporte (CNT) apontam que apenas 1,5% dos 684 quilômetros da BR-282 são considerados ótimos. Na média, a rodovia que corta SC é regular. O DC percorreu toda a extensão e indica os pontos mais críticos.



DADOS OFICIAIS MOSTRAM NÚMERO MENOR DE MORTES

Os acidentes de trânsito nas rodovias federais e estaduais tiraram a vida de 113 pessoas em Santa Catarina entre 1º de dezembro de 2017 e 23 de janeiro deste ano. O número, que já é considerado expressivo e representa um aumento de 21,5% em comparação com o mesmo período da temporada anterior, poderia ser ainda maior. Isso porque as polícias rodoviárias militar (PMRv) e federal (PRF) contabilizam apenas dados de mortes instantâneas, sem considerar vítimas que chegaram a ser atendidas no hospital.

Por exemplo, entre 22 dezembro de 2017 e 10 de janeiro deste ano, a reportagem levantou que 55 pessoas morreram em rodovias do Estado, sendo que 17 delas chegaram a ser socorridas. Mas as duas polícias registraram 35 mortes no mesmo período.

ESTADUAIS REGISTRAM ACRÉSCIMO DE 69%

Apesar de aumentar o número de óbitos entre o final do ano passado e começo deste,

a quantidade de acidentes teve alta de menos de 1% – 2.817 para 2.822.

Se forem considerados apenas os trechos das rodovias estaduais, o aumento na quantidade de óbitos no período é de 69,5%, de 23 para 39 casos. As colisões, porém, cresceram apenas 5%.

– Os acidentes estão mais graves, e o principal ponto para o aumento da gravidade é a velocidade. Quanto maior, maiores são os danos materiais e físicos – justifica o tenente-coronel da PM, Mauro Palma Rezende.

Os acidentes estão mais graves, e o principal item para isso é a velocidade. Quanto maior, maiores são os danos materiais e físicos.

MAURO PALMA REZENDE

Chefe da seção operacional do comando de policiamento rodoviário da PMSM



Uma fiscalização ajudaria, mas muita gente vem de fora e não conhece a nossa estrada. Um pouco é o cuidado do motorista

Lourival Martendal
Agricultor de 45 anos que socorreu vítimas de acidente na BR-282



CONTRAPONTO

O QUE DIZ O DEINFRA
Questionado sobre obras em andamento nas 13 rodovias estaduais (SCs) onde foram registrados acidentes com morte no período entre dezembro de 2017 e janeiro de 2018, o Departamento Estadual de Infraestrutura informou que, atualmente, não há registro de obras em apenas cinco estradas - 154, 350, 445, 480 e 280A. Três rodovias (SC-492, SC-283 e SC-100) têm obras de pavimentação, implantação e restauração concluídas recentemente. Outros três trechos têm obras em execução, sendo elas a SC-370, em dois pontos, SC-283 e SC-112. Já a 108, de Nova Trento a Brusque, e a SC-421, no trecho Pomerode a Blumenau, estão com projetos de restauração e recuperação prontos.

O QUE DIZ A SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO
Por meio da assessoria de imprensa, a secretaria, que é responsável pelos investimentos feitos nas rodovias catarinenses por meio do Pacto por Santa Catarina, informou que, atualmente, oito estradas estão com obras de restauração e revitalização em andamento ou concluídas recentemente, sendo elas as SCs 480, 445, 406, 370, 283, 112, 100 e 108. Ainda afirmou que "vem discutindo com o governo federal alternativas para melhorar a capacidade da malha rodoviária catarinense" e que, nesse contexto, "os estudos conjuntos que estão sendo finalizados para futuras

concessões de segmentos rodoviários federais, integrados com rodovias estaduais, têm demonstrado ser uma alternativa viável e economicamente exequível".

O QUE DIZ O DNIT
Está em andamento um programa denominado BR-Legal, que dá destaque a serviços de sinalização, tanto horizontal como vertical. Também informou que pontuou a restrição orçamentária como fato de impedimento para "a plena execução dos contratos de acordo com os cronogramas iniciais".



REPORTAGEM | LARISSA NEUMANN E EDER KURZ
 EDIÇÃO | JACSON ALMEIDA E CRISTIAN WEISS
 FOTOGRAFIA | DIORGENES PANDINI
 DESIGN | CRIS MACARI
 INFOGRAFIA | BEN AMI SCOPINHO

RADAR DA VIOLÊNCIA NAS ESTRADAS

A iniciativa Radar da Violência nas Estradas envolveu 38 profissionais dos veículos da NSC Comunicação. Desde 22/12/2017, jornalistas acompanharam o número de vítimas nas rodovias estaduais e federais de SC até 10/1/2018. Diferentemente dos dados oficiais das polícias, que registram apenas casos de morte no local, a reportagem também monitorou as vítimas que morreram nos hospitais.

HISTÓRIAS DAS VÍTIMAS

De segunda até quinta-feira, os jornais da NSC Comunicação publicam histórias de pessoas que perderam familiares em acidentes de trânsito.

REPERCUSSÃO - QUINTA-FEIRA (FACEBOOK AM)

Das 14h às 16h, debate dividido em três rodadas: autoridades (PRF e PMRV), infraestrutura (DNIT e Deinfra) e socorristas (Samu e bombeiros).

EM 36 ACIDENTES, TRÊS PESSOAS FORAM PRESAS EM SANTA CATARINA

Batidas de frente e saídas de pista causadas, principalmente, por velocidade incompatível com a via, ingestão de álcool e falta de atenção do motorista foram as principais causas dos acidentes com morte registrados no levantamento feito pela NSC Comunicação entre 22 de dezembro de 2017 e 10 de janeiro deste ano. Dirigir após ter bebido, por exemplo, é a segunda maior causa. Ao todo, 12 das 55 mortes tiveram como provável causa a embriaguez ao volante. No período, três pessoas foram detidas.

O número baixo de prisões se deve a uma série de circunstâncias legislativas previstas no Código de Trânsito Brasileiro, conforme explica o tenente-coronel da Polícia Militar Mauro Palma Rezende, que chefia a seção operacional do comando de policiamento rodoviário em Florianópolis.

No ano passado inteiro, aponta, 793 pessoas foram detidas pelo policiamento rodoviário e encaminhadas para delegacias. A maioria delas, 473, foi por embriaguez ao volante, muitas envolvidas em acidentes.

Nesse cenário, o oficial da PM pontua que dos 11 crimes tipificados na legislação de trânsito, em apenas dois cabem prisão em flagrante, os demais são tipificados como crimes de menor potencial ofensivo.

Além disso, mesmo nos casos de prisão em flagrante, se o condutor prestar socorro à vítima, explica Rezende, não cabe flagrante. Conforme a Polícia Civil do Estado, 1.472 pessoas foram encaminhadas para delegacias após se envolverem em acidentes de trânsito com morte em 2017 – não há estatísticas sobre quantas permaneceram detidas.

PM DIZ QUE AUTUA MOTORISTAS POR EMBRIAGUEZ, MAS ELES SÃO LIBERADOS

Além das garantias legais, outro ponto que interfere nas estatísticas de presos por crime de trânsito em Santa Catarina são burocracias internas. O tenente-coronel Ricardo Alves da Silva, que comanda o 2º Batalhão da Polícia Militar de Chapecó e também atua na câmara temática do Conselho Nacional de Trânsito (Contran), explica que, desde 2012, os policiais militares podem lavrar um auto de constatação quando o condutor se recusa a fazer o teste do bafômetro, mas há algum sinal de alcoolemia. No entanto, ao ser levado para uma delegacia, essa pessoa costuma ser liberada.

– A PM e a PMRV têm autuado uma série de condutores, mas o que ocorre é que, com a recusa, a gente

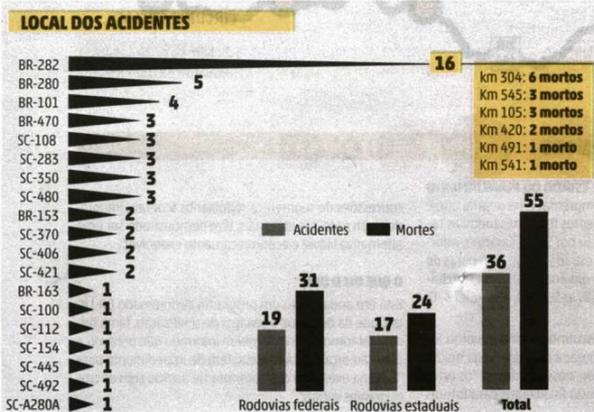
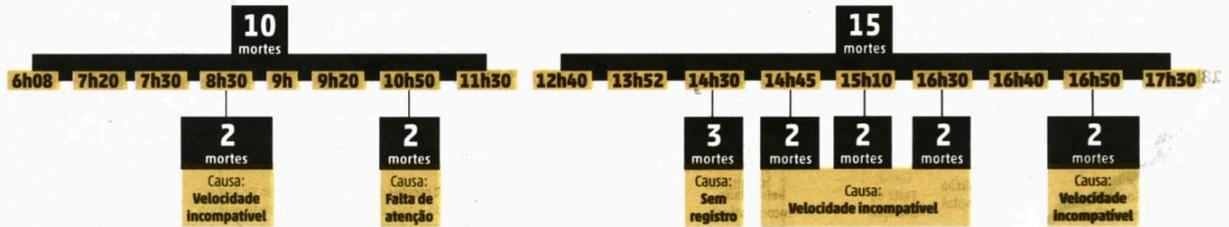
lavra um auto de constatação e este documento é encaminhado para a Polícia Civil, que acaba não o aceitando e chama o perito do Instituto-Geral de Perícias. Até a vinda do profissional, muitas vezes, o efeito da substância alcoólica ingerida já passou. Então aquele condutor acaba não tendo lavrada a prisão em flagrante por causa desse lapso de tempo – explica.

A Polícia Civil, em contrapartida, afirma que nesses casos em que o motorista se recusa a fazer o teste, a regra é o delegado encaminhar a pessoa para um exame clínico, “que será realizado no ato”, permitindo concluir a análise e tomar as medidas legais. Na delegacia, o motorista envolvido em um acidente com morte é liberado quando se classifica em três situações, como “quando a conclusão do delegado de polícia, verificando os requisitos legais, não agiu dolosamente, ou seja, com intenção de causar o acidente, quando pagar a fiança estipulada pelo delegado, ou por ordem judicial”.

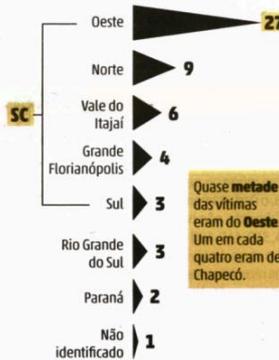
Por fim, a Polícia Civil, por meio da assessoria de imprensa, explica que o motorista permanece detido quando o delegado conclui que a pessoa teve intenção ou assumiu o risco de matar. Nessa situação, o delegado autua o suspeito por homicídio doloso e o encaminha para o presídio após passar pelo juiz.

RAIO X DAS VÍTIMAS NAS ESTRADAS ESTADUAIS E FEDERAIS

De 22 de dezembro a 10 de janeiro, a reportagem registrou 55 mortes por acidentes nas rodovias de SC. As ocorrências foram motivadas principalmente por excesso de velocidade e ingestão de álcool, no período noturno. Uma em cada quatro vítimas tinha menos de 25 anos.



ORIGEM DOS VEÍCULOS DAS VÍTIMAS



DATAS DAS OCORRÊNCIAS



"A SEGURANÇA DA VIA DEVE SER PENSADA DESDE O PROJETO INICIAL"

ENTREVISTA

CAMILA BELLEZA MACIEL BARRETO
Engenheira civil

Doutora e engenheira civil formada pela Universidade Federal de Santa Catarina, Camila Belleza Maciel Barreto atua no Laboratório de Transportes e Logística como coordenadora técnica de projetos desenvolvidos em parceria com o Programa Internacional de Avaliação de Rodovias.

O conceito de "vias que perdoam" visa mudar a postura de autoridades e engenheiros no sentido de não somente culpar os motoristas, mas aceitar que as pessoas cometem erros, mas eles não podem custar a sua vida.

De maneira geral, as estatísticas contribuem para indicar qual local precisa de mais atenção, como fiscalização?

Os dados de acidentes, além de apresentarem um diagnóstico das condições de segurança de uma via, indicam quais locais merecem mais atenção. Os trechos em que mais ocorrem acidentes, designados como locais concentradores de acidentes, apresentam um importante parâmetro para o planejamento de ações, incluindo a de engenharia, fiscalização e educação.

A velocidade incompatível com a via seria a principal causa dos acidentes neste período levantado pela reportagem. De que forma seria possível atuar para reduzir esse índice?

A ocorrência de acidentes se dá em função de uma combinação de fatores, podendo ser agrupados em fator humano, veicular ou viário-ambiental. Diversos estudos apontam que o fator humano está relacionado a 90% da ocorrência dos acidentes. No entanto, a gravidade tem influência direta dos demais fatores. Por exemplo: se um motorista está trafegando a uma velocidade acima da regulamentada da via, perde o controle do veículo em uma curva e na lateral da via, próximo ao

acostamento, há um obstáculo fixo, como um poste ou árvore. Apesar de o fator estar relacionado diretamente ao comportamento do motorista, devido ao excesso de velocidade, a gravidade do acidente será influenciada pelo elemento viário-ambiental. Sem o obstáculo fixo, poderia ser um acidente com ferido, e não fatal.

Partindo desse raciocínio, na semana passada percorremos toda a BR-282. Identifiquei que a maioria dos trechos era de curvas em subidas/descidas, mas que a rodovia era sinalizada, principalmente com placas. O que mais poderia ser feito nesses pontos para evitar colisões violentas?

O conceito de "vias que perdoam", difundido em diversos países com baixos índices de acidentes, visa mudar a postura das autoridades e engenheiros, no sentido de não somente culpar os motoristas pela ocorrência de colisões, mas aceitar que todas as pessoas cometem erros e que eles não podem custar a sua vida. A partir disso, a segurança de uma nova via deve ser pensada já na fase inicial, desde o projeto geométrico, com a definição de traçados mais seguros, ao de sinalização e dispositivos de segurança. Em vias já existentes, uma auditoria de segurança viária deve ser realizada, avaliando todas as características que pos-

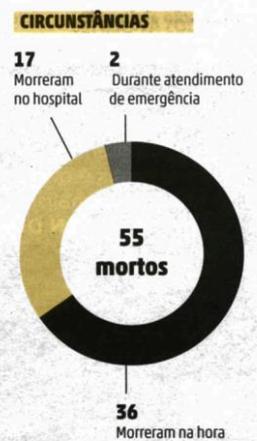
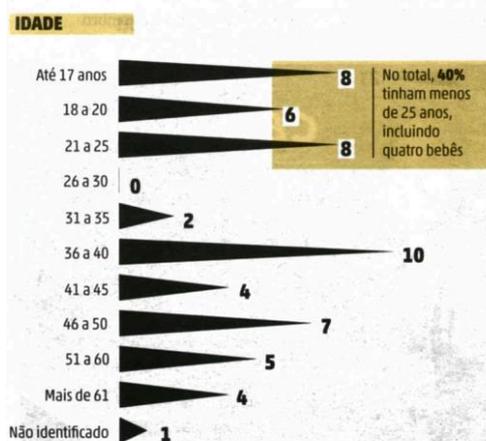
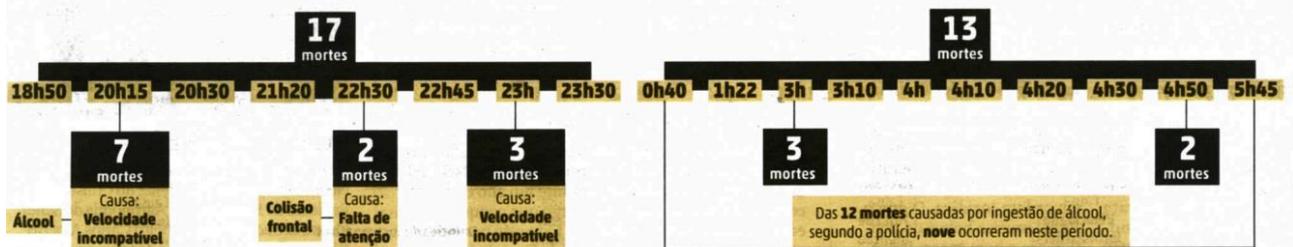
sam gerar ou agravar um acidente, incluindo condições do pavimento e sinalização, e indicar medidas de engenharia para melhoria das condições de segurança viária do trecho analisado.

Segundo a PRF, Santa Catarina é o terceiro Estado com maior número de acidentes (10,6 mil no ano passado), sendo que houve 380 mortes, ficando atrás de MG e PR. O que é possível fazer para reduzir esse índice?

A ocorrência de acidentes está sempre relacionada a um conjunto de fatores. As características do relevo de Santa Catarina, associadas a algumas características físicas das rodovias, conhecidas por serem mais inseguras, como trechos em curvas e estradas de pista simples, são fatores que contribuem para a recorrência de acidentes. Essas características, combinadas a um elevado volume de tráfego, agravam a situação. Além disso, de acordo com a Pesquisa CNT de Rodovias 2017, 63,7% das rodovias de SC, incluindo federais e estaduais, foram classificadas como regular, ruim ou péssima.

Seria possível implementar alguma ação efetiva para segurança rodoviária em SC?

A segurança viária deve ser desenvolvida em três pilares: educação, engenharia e fiscalização, de acordo com o parágrafo 10 do artigo 144 da Constituição Federal. Ações conjuntas e integradas nessas três frentes são imprescindíveis. Além disso, os trabalhos não devem ser somente pontuais ou esporádicos, mas continuados, de forma a mudar o comportamento dos usuários e oferecer vias mais seguras a todos: pedestres, ciclistas, motociclistas e ocupantes de veículos.



**Notícias do Dia
Capa e Inspira!**

“Sucesso é uma questão de métrica”

‘Sucesso é uma questão de métrica’ / Marketing digital / Eric Santos / Resultados Digitais / RD / Tecnologia / Formado / Engenharia de Automação / UFSC / Fundação Certi / Empreendedorismo / Inovação





“Sucesso é uma questão de métrica”

ERIC SANTOS FALA DA TRAJETÓRIA QUE LEVOU A RESULTADOS DIGITAIS A CRESCER A PASSOS LARGOS

Assim como a idade de um cachorro deve ser multiplicada por sete, na Resultados Digitais, a RD, empresa liderada por Eric Santos, a impressão é que isto está ocorrendo de fato. São seis anos de existência, mas com números surpreendentes. Na casa do ferreiro o espeto é de ferro, é assim que começa a história do empreendedor de hoje. Ao desenvolver e usar na própria empresa seu principal produto, o RD Station, uma plataforma de marketing digital que propõe ser uma “máquina para multiplicar as vendas”, Eric Santos, CEO da Resultados Digitais - RD, empresa de tecnologia com sede em Florianópolis, viu o número de funcionários aumentar 75 vezes em apenas seis anos, e a empresa crescer acima dos três dígitos ano a ano. A RD tem a marca espetacular de crescer anualmente acima dos três dígitos, mesmo durante uma das piores crises econômicas do Brasil. Questionado sobre o a receita do sucesso”, o empreendedor respondeu com convicção: “o sucesso aqui não é uma questão de sorte, é uma questão de métrica. Se a empresa crescer 10% ao mês no final de um ano o crescimento vai ser de três dígitos...E a gente tem muito isso aqui. De ver vários negócios, milhares no caso, que estão crescendo, contratando gente mesmo num cenário recessivo que a gente passou no Brasil nos últimos anos, a nossa base de clientes cresceu em média 30%”.

RESULTADOS DIGITAIS EM NÚMEROS

+10.000 Clientes gerando resultados no Brasil e no mundo

+2.000 Agências parceiras crescendo seus negócios e os de seus clientes

+20 Países utilizando RD Station Marketing

+8.000 Profissionais que participam anualmente do RD Summit

São 600 colaboradores (Rdoers) divididos em 6 escritórios

Florianópolis (sede própria), **Joinville** (coworking), **São Paulo** (coworking), **Bogotá** (coworking), **Cidade do México** (coworking) e **San Francisco/US** (coworking).

UM CONSELHO AO MERCADO DA TECNOLOGIA

“O pessoal é muito mais movido por princípio do que pelo dinheiro. E eu até costumo dar esse conselho a empreendedores mais novos: se você está procurando dinheiro, tem coisas muito mais garantidas e muito menos estressantes do que fazer uma empresa de tecnologia. A gente tem um nível de risco muito alto, a maioria das empresas não dão certo, esse é um fato. E as que dão certo têm muita ralação, muito trabalho. Então se o objetivo final é dinheiro, é melhor ir para outras áreas. Mas quando a coisa dá certo, traz o retorno financeiro para os fundadores, investidores e para todo mundo que está em volta do projeto, os funcionários, etc.”

O INÍCIO

O empreendedor paulista que veio para Florianópolis para cursar Engenharia de Automação da UFSC, ainda na graduação teve bolsa de iniciação científica, fez dois intercâmbios, um nos

Estados Unidos e outro na Índia. No entanto, foi o trabalho junto a um núcleo de pesquisa da Fundação Certi que o fez ver o potencial existente no mercado. Eric destaca a Fundação Certi não apenas por ter influenciado sua carreira, mas por ter sido fundamental ao setor de tecnologia de Floripa e o celeiro de formação de muitos dos empreendedores que atuam no segmento.

FÓRMULA DO SUCESSO DA RD

“Nós tínhamos um propósito que vinha de um interesse genuíno: ajudar nossos clientes, que são empresas pequenas e médias, a crescer, ajudá-los a fazer marketing digital, usar as técnicas mais modernas para trazer visitantes para o seu site, gerar oportunidade de negócio, gerar vendas. Veio sempre em paralelo comigo uma vontade de “não vou só fazer uma empresa para resolver o problema dos meus clientes, eu vou fazer um lugar aonde as pessoas vão se desenvolver junto”. A gente como

um time mesmo, desde a equipe fundadora, já nos primeiros funcionários, era muito na linha de um negócio que vai crescendo junto e que, por acaso se isso aqui não der certo, todo mundo vai ter aprendido muito no meio do caminho.

TIMING DO MERCADO

E isso aí foi uma coisa que a gente conseguiu fazer e escalar com o tempo...Eu não consigo ver uma história de sucesso em tecnologia onde a empresa não acertou o timing de mercado, onde ela não tratou os seus funcionários como pessoas inteligentes, adultas e deu oportunidades diferenciadas para elas, onde ela não tentou fazer o bem. Empresa picareta nesse mercado não sobrevive. E onde ela não continuou inovando ao longo do tempo, porque muda muito rápido tudo. Então a gente tem que estar com esse desafio de mútuo de otimizar o que está funcionando, mas já planejar o que a gente vai fazer ano que vem, daqui a cinco anos, dez anos.”

MELHOR EMPRESA PARA SE TRABALHAR

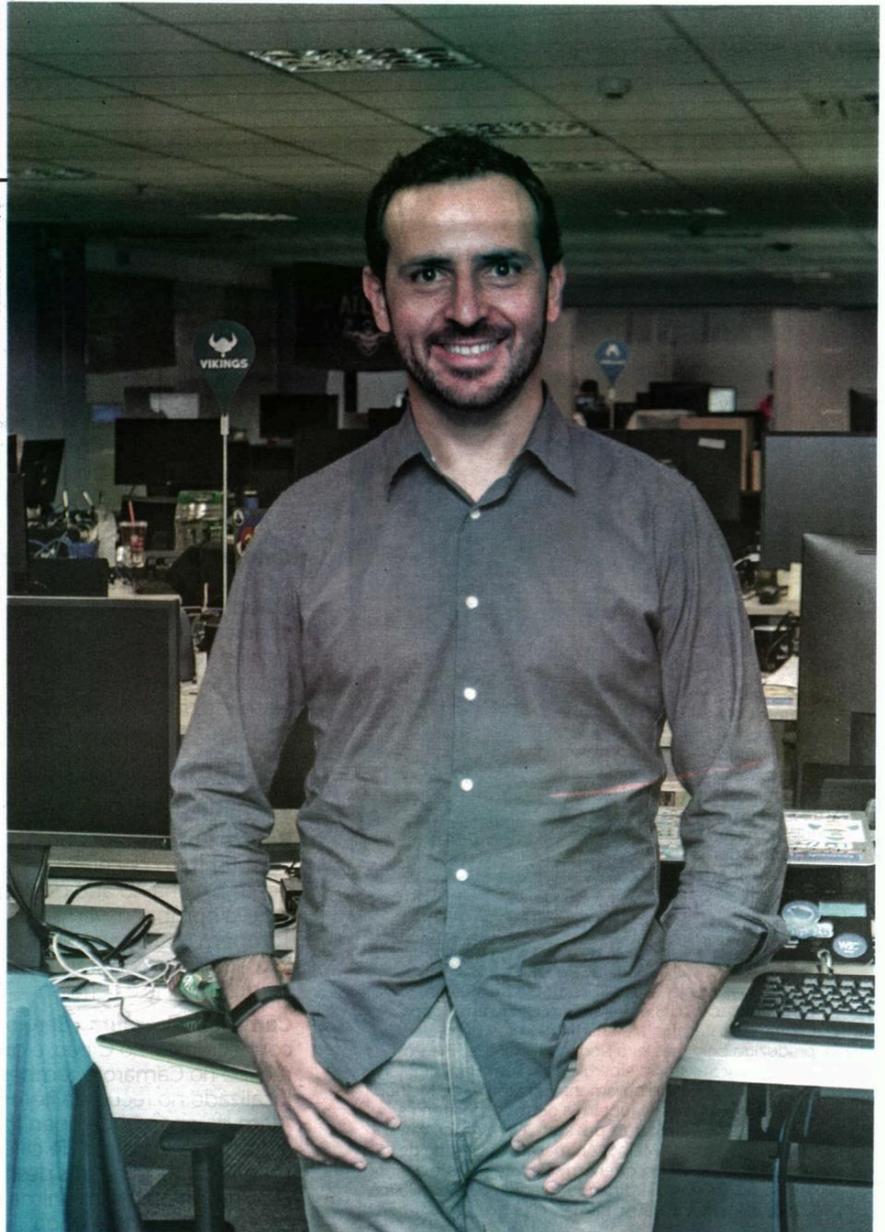
A RD foi eleita por quatro anos consecutivos a melhor empresa para se trabalhar em SC (GPTW / categoria médias), eleita em 2017 a 18ª melhor empresa de TI para se trabalhar no Brasil (GPTW / categoria médias), e Eric Santos foi considerado Empreendedor de Alto Impacto 2017 pela Endeavor. A RD foi fundada em 2011 e no ano seguinte eram apenas 12 pessoas. A previsão é que esse número chegue a 900 colaboradores até o final de 2018. Ao olhar essa trajetória, o CEO reconhece que um dos grandes segredos da empresa foi oferecer ao funcionário a oportunidade de aprender.

PERKS

Hoje olhando a RD é uma das melhores empresas para se trabalhar, porque tem uma estrutura dessa, mas isso não tinha em 2013 quando a gente ganhou pela primeira vez o título, não tinha nada disso. O que tinha naquela época? As pessoas estavam tendo um aprendizado fora da curva. Então o que a gente oferece e coloca é uma oportunidade de aprendizado fora da curva, diferenciado. Hoje como a gente tem um pouco mais de estrutura e recurso a gente consegue dar um pouco mais destes perks (vantagens), mimos. E não só perks, mas coisas mais estruturadas, como o programa de liderança. A gente tem um programa formal de desenvolvimento de líderes. Tem consultorias que trabalham para formar, tem treinamento, enfim é um curso mesmo, quase um MBA em liderança que a gente oferece para todo mundo que tenha posição de liderança na empresa...A maioria das pessoas que a gente traz a gente olha muito a questão cultural. Se ela casa com a cultura da empresa tem e o propósito de também ajudar a empresa a crescer."

CRESCIMENTO ACCELERADO

2013 - 2014: **702%**
 2014 - 2015: **293%**
 2015 - 2016: **133%**
 2016 - 2017: **107%**



Eric Santos, CEO da Resultados Digitais, empresa que revolucionou o fazer marketing digital para as empresas

RD SUMMIT

O domínio do negócio e o propósito de colaboração fizeram de Eric um empreendedor de sucesso, capaz de entregar experiências aos colaboradores da empresa, aos seus clientes, seja por meio de eventos como o RD Summit ou o RD on the Road, assim como os produtos que comercializa ou disponibiliza gratuitamente.

AS CONEXÕES

"O que eu acho que eu consigo fazer legal e se eu fosse me definir seria assim: O inovador no sentido de entender bem tecnologia, entender bem o que está sendo feito, o que está sendo aplicado, mas como aplicar isso no contexto de negócio que tenha que tenha demanda real e gente que esteja disposta a pagar por um produto dentro daquela área... Hoje eu me considero muito mais uma pessoa de negócios do que de tecnologia, mas eu entendo bem de tecnologia, entendo como funciona o sistema, sei conversar com as pessoas que estão operando e, então, sei fazer a intersecção."

NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS:

2012: 8
 2013: 29
 2014: 96
 2015: 216
 2016: 342
 2017: 553
 2018: 900 (expectativa)

Diário Catarinense e A Notícia Yasmine Holanda Fiorini "Cidades humanas"

Cidades humanas / Arquiteta / Carolina Nunes / UFSC



YASMINE
HOLANDA
FIORINI

✉ yasmine.fiorini@somosnc.com.br
🌐 revistaversar.com.br
📱 @yasmineholanda

CIDADES HUMANAS

ARQUITETA CAROLINA NUNES,
DE BLUMENAU, APOSTA NO
CONHECIMENTO COMO FORMA
DE MELHORAR A QUALIDADE
DE VIDA DAS PESSOAS

A arquiteta blumenauense Carolina Nunes acaba de retornar da Alemanha, onde participou, durante um ano e meio do programa Bundeskanzler Stipendium, voltado para jovens líderes dos EUA, Rússia, Índia, China e Brasil e patrocinado pela chancelaria alemã. A pesquisa teve como tema Rios e Cidades, que tem tudo a ver com Santa Catarina. Agora de volta ao Estado, ela e o companheiro Walter Weingaertner se dedicam ao projeto Humanität, que busca conscientizar as pessoas sobre a relação com as cidades. Veja como foi o nosso papo:

Conta um pouco mais sobre o tema da pesquisa que você desenvolveu durante o programa.

Sou de Blumenau, então o rio Itajaí-Açu é muito presente na nossa vida. Ao mesmo tempo em que temos uma relação de carinho e cuidado com ele, tem as enchentes frequentes. Quando comecei a estudar Arquitetura na UFSC, tivemos que escolher uma região para um trabalho da disciplina de Planejamento Regional. Escolhi o Vale e foi uma surpresa. A gente sempre teve a ideia de que, para prevenir as enchentes, seria necessário retificar o canal e concretar as margens. Aí descobri que na Alemanha isso já era ultrapassado, que eles já estavam renaturalizando os rios. Fiquei encantada com esse

conceito. Durante o programa, em uma das visitas técnicas, perguntei ao diretor de cidades da Agência de Cooperação Técnica Alemã que conselho ele daria para Blumenau. Ele respondeu: "recomendo que vocês olhem o que a gente fez com os nossos rios. Gastamos muito dinheiro para concretar e retificar e agora estamos gastando ainda mais para desfazer isso tudo".

Qual a proposta do Humanität?

Surgiu de uma grande inquietação minha, há muitos anos. A gente não discute com seriedade a pergunta que deveríamos fazer o tempo inteiro: como a gente quer viver nas cidades? Como deveria ser a nossa vida nas cidades? Vejo nossa qualidade de vida se deteriorando e as discussões ficam muito na questão do trânsito e das emergências. O poder público se concentra nisso, a iniciativa privada se preocupa em fazer empreendimentos e a sociedade civil não tem, de modo geral, conhecimento de melhores exemplos. Não conhece outras referências e modelos. A gente criou o Humanität para melhorar a qualidade de vida das pessoas na cidade. Acredito que com conhecimento técnico, vontade política e sociedade empoderada conseguimos fazer grandes mudanças. Temos o intuito de trazer esse conhecimento e de implementar as melhores práticas e

exemplos do mundo nas cidades do Brasil.

Temos bons exemplos em Santa Catarina ou ainda há muito trabalho a ser feito?

Bons exemplos temos sempre. Mas temos que focar em nosso potencial. A natureza aqui é fantástica e a biodiversidade da Mata Atlântica é maior que a da Europa inteira. Temos um enorme potencial de paisagem. Mas tem que ter acesso. Por que não há um caminho só para bicicletas e pedestres em todos esses morros? Olha só o potencial de parques lineares e caminhos que conectem a cidade.

E quais os desafios que precisamos encarar para termos cidades mais humanas?

O principal desafio é o empoderamento da sociedade. Nenhuma decisão deveria vir de cima para baixo, deveria ser sobre o que a sociedade quer. Antes de ir para a Alemanha, eu achava que eles tinham todo um conjunto de regulamentações para manter as cidades daquela maneira. Lá, vi que elas são assim porque a sociedade briga muito para que elas sejam assim.

LEO MUNHOZ

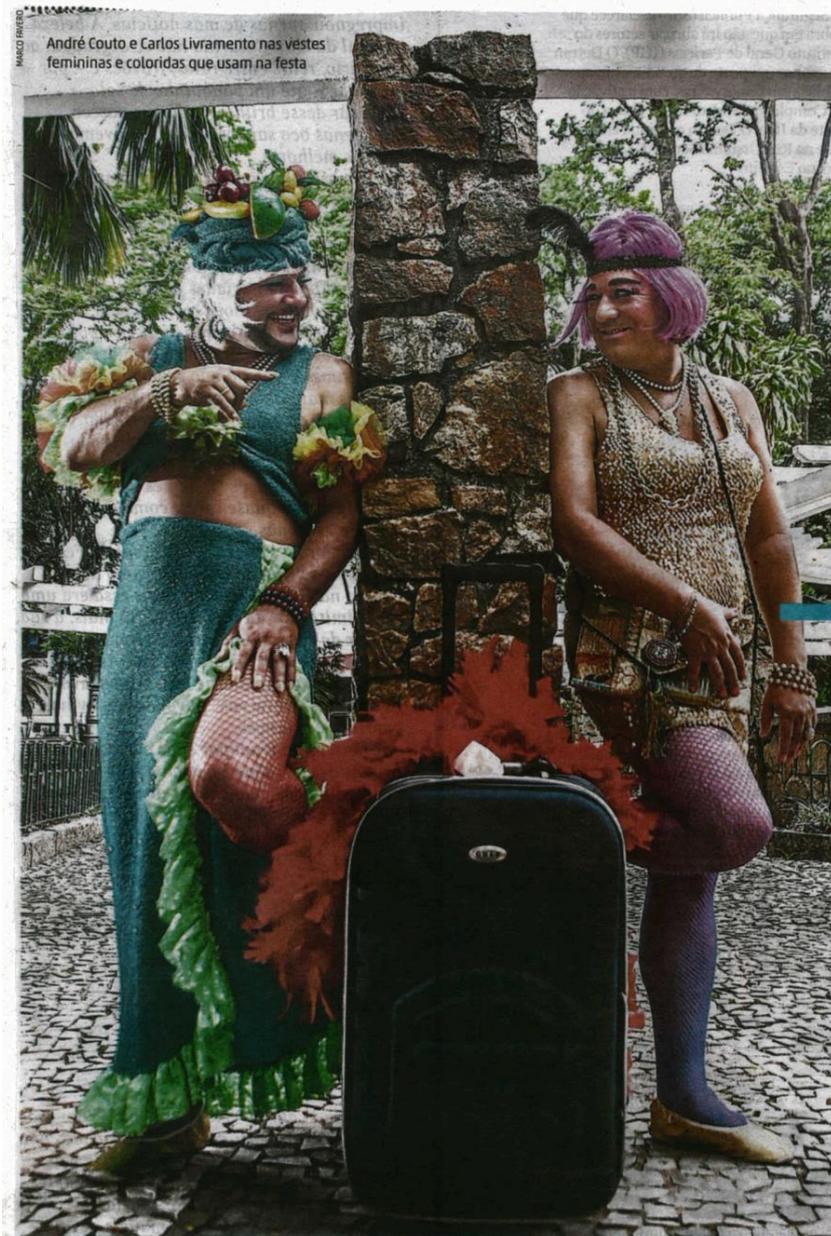


ASSISTA AGORA
Entrevista completa em
revistaversar.com.br

**Diário Catarinense (Contracapa) A Notícia
Tradição**

“Sujo não tem fantasia, mas traz alegria para o povo”

‘Sujo não tem fantasia, mas traz alegria para o povo’ / Carnaval de rua /
Tradição / Foliões / Bloco de sujos / André Couto / Carlos Livramento /
Gênero / Laboratório de Estudos de Gênero e História / LEGH / UFSC / Du
Meinberg Maranhão



CARNAVAL DOS SUJOS

**A FESTA QUE É A ESSÊNCIA
DA FOLIA NA CAPITAL**

Homens se vestem de mulheres e deixam
o centro da cidade repleto de alegria

Páginas 16 e 17

TRADIÇÃO

"SUJO NÃO TEM FANTASIA, MAS TRAZ ALEGRIA PARA O POVO"

CARNAVAL DE RUA caracterizado por homens vestidos como mulheres é a essência da festa na Capital

ANGELA BASTOS
angela.bastos@somosnsc.com.br

Mais um Carnaval se aproxima. Já se ouve a batucada, a cidade está mais colorida, os foliões se preparam. As ruas do centro de Florianópolis se transformam em passarela. A Praça XV, na vitrine cultural. Nas últimas noites houve apresentação das escolas de samba. Na sexta, 2, o centro histórico vai ferver com as maricotas gigantes do Berbigão do Boca. Enquanto isso, os sujeitos aguardam o grande dia, o sábado de Carnaval. É como canta a marchinha: bloco de sujo não tem fantasia, mas traz alegria para o povo sambar.

Na folia da Ilha – abarrotada de foliões do Contínente – os sujeitos dão o ritmo. São sobreviventes das mudanças impostas pelos tempos, como falta de dinheiro, invasão de ritmos, aumento da violência. De modo espontâneo, alegre e democrático, simbolizam a vertente mais forte da festa momesca. É com eles que o folião experimenta a liberdade para expressar o humor e a irreverência que requer o Carnaval. Com algo que, especialmente em Florianópolis, virou tradição: homens se fantasiarem com roupas femininas – ainda que se exibam com barba, músculos, pernas e axilas peludas, usando salto, maquiagem e peruca.

Em entrevista à Agência Brasil, o antropólogo Roberto da Matta, autor do livro “Carnavais, malandro e heróis”, diz que nos Carnavais na Rússia de Catarina II, em 1700, isso já ocorria.

– É o ritual da licença, onde os opostos da sociedade rotineira se invertem. As mulheres podem se comportar como homem, caso dos destaques das escolas de samba. São supermulheres que os homens têm medo de chegar, castradoras de tão bonitas e agressivamente eróticas. Essas mulheres se transformam nos “dom Juan” de outrora – comparou.

Para Du Meinberg Maranhão, da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR) e coordenação da Fogo Editorial, especializada em diversidade, a época é oportuna para a reflexão:

– O que há de transgressivo em “soltar a franga” em um bloco em que quase todos os homens estão vestidos de mulher? Nesse caso, há desaprovação a formas satíricas de travestimento. Mas é possível que nesse momento de folia uma pessoa trans receba olhares reprovadores – observa.

Por isso, diz, transgressivo e revolucionário mesmo seria cair em outra folia, a da sensibilidade de gênero, no profundo respeito às mulheres e pessoas transgêneras e homossexuais. Afinal, não adianta se vestir de mulher e no bloco apalpar as mulheres, usar condições hierárquicas para oprimir e assediar.

– Que tal no Carnaval e restante da vida nos vestirmos com a igualdade de gênero e que ela não seja só uma fantasia? – pergunta Du, que também é doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e Integrante do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH/UFSC).



André Couto e Carlos Livramento nas vestes femininas e coloridas que usam na festa dos sujeitos na Praça XV, Centro de Florianópolis

NA DESTERRO, LIMÕES-DE-CHEIRO; NA FLORIANÓPOLIS, A BATUCADA

Assim como no resto do país, o Carnaval de Florianópolis iniciou com o entrudo português. Isso ainda nos tempos da antiga Nossa Senhora do Desterro, que vai mudar o nome em 1ª de outubro de 1894. Nos séculos 18 e 19, a brincadeira de jogar água nos outros com certa mistura era a grande atração. Mas por volta de 1850, a manifestação do que seria uma das primeiras festas populares sofreu com a imposição de regras. A intenção era fazer com que as brincadeiras não ferissem a honra das pessoas consideradas importantes da sociedade. O motivo eram os limões-de-cheiro, uma bola de cera moldada com limão ou laranja que levava em seu interior água e, em alguns casos, até urina. No livro "Carnaval da Ilha" (1997, Papa-Livro), de Átila Ramos, há uma descrição que mostra o efeito dos limões-de-cheiro. "A cena era sempre impagável: senhoritas e rapazes munidos de um grande arsenal tocavam alguma solene figura da cidade – o juiz, o contador, o presidente, o presidente da Câmara. E zás! – banho de limões na vítima. O enfatiotado logo perdia a cartola e a compostura".

Com o passar dos anos se iniciaram os bailes e, inspirados no que ocorria

no Rio de Janeiro, não se tocava samba, mas ritmos variados como polca, valsa, maxixe, tango. Até a década de 1930, tanto nos bailes quanto nas ruas era costume brincar o Carnaval com máscaras – influência francesa. Também com fantasias de origem europeia, como colombina, pierrô, arlequim. Na segunda metade do século 19 surgiram as Sociedades. A atração eram os carros de mutação que faziam movimentos mecânicos e que acabariam por dar origem aos carros alegóricos de hoje. Destacaram-se Granadeiros, Tenentes do Diabo, Limoeiros, Trevo.

Nas primeiras décadas do século XX, o festejo tradicional passa a ser o curso carnavalesco: desfile de carruagens enfeitadas e depois com automóveis com capotas de lona rebaixadas. Os passageiros jogavam confetes, serpentinas e lança-perfume no público.

A pesquisadora Cristina Tramonte em "O Samba Conquista Passagem" (Editora Vozes, 2001) escreve que os negros em Florianópolis começam a participar do Carnaval através dos ranchos, cordões e blocos. Mas, explica, a presença marcante e definitiva irá ocorrer a partir de 1940 com o surgimento das escolas de samba.

PRAÇA XV, ESPAÇO DE ANÔNIMOS E FAMOSOS

Ao escrever o enredo "Praça XV: a essência do nosso Carnaval" (Morro do Céu, 2011), o também compositor Cesar Nunes, o Cesinha, lembra que até os anos 50 e 60, a festa era movida por canções feitas na Ilha e a concentração da folia no coração da cidade. Era também a época de ouro dos clubes, como Doze de Agosto, Lira Tênis Clube, 6 de Janeiro, Paineiras.

Na Quarta-Feira de Cinzas, os foliões do Doze e do Lira se encontravam na Rua Felipe Schmidt. Juntos encerravam a folia do ano, tendo como testemunha a centenária Figueira da Praça XV, que ainda hoje observa a folia.

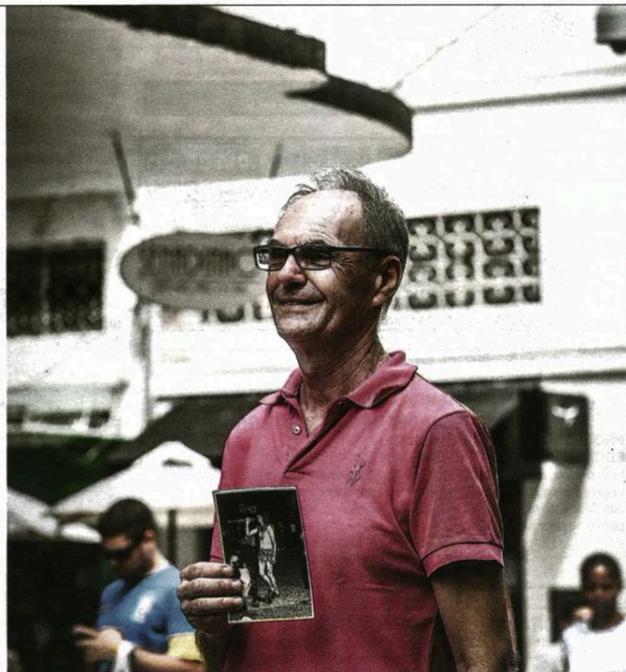
A batucada, diz Cesinha, começou em 1936 com os primeiros blocos carnavalescos. A percussão era de novidade. O bloco Os Filhos da Lua, da Prainha, é considerado o mais antigo. Depois surgiram Bororós, Tira a Mão, O Mocotó Vem Abaixo, Os Motoristas se Divertem, Os Palhetinhas (formado só por crianças), O Bando da Noite, Bloco da Base, Brinca Quem Pode.

O Bloco Bororós saía com 60 pessoas "vestidas de índio" e já utilizavam

como acompanhamento os instrumentos. Os componentes frequentavam o Bar do Quido, na esquina da Fernando Machado, e dali saía o desfile oficial em volta da praça.

– Inspiradas no Carnaval carioca, as escolas começaram a se organizar. Com isso, a folia da Ilha perde um pouco do sabor da singularidade que a construiu no entorno da Praça XV – explica Cesinha.

A festa passou a ser organizada em torno das escolas e transferida para outras regiões, como o aterro da Baía Sul – onde fica a passarela do samba. Mas a Praça XV continua sendo espaço onde nascem e se perpetuam personagens que marcam época, como o Rei Momo Lagartixa, Abelardo Blumenberg (o popular Avezz-vous fundador da Copa Lord), Hélio Cabrinha (da Os Protegidos da Princesa), o famoso pandeirista Tenente, Juventino João Machado, o Nego Quirido (sambista que dá nome ao sambódromo) e a saudosa e eterna Cidadã Samba Erotides Helena da Silva, a Nega Tide, que começou a encantar os seus súditos no paralelepípedo do entorno da Praça.



Paulo Roberto tem acervo fotográfico sobre as festas na Capital, que celebra desde os seis anos

TESTEMUNHAS DA FOLIA

Paulo Roberto Witoslawski tinha seis anos quando, pela primeira vez, viu o Carnaval de Florianópolis. Agarrado à mão dos pais, o menino experimentava sentimentos de curiosidade e medo frente aos mascarados. Mais tarde, iria se admirar com os risos e alegria dos palhaços no salão. Cresceria ao som dos clarins anunciando a chegada do Rei Momo, com os carros de mutação na frente do Palácio Cruz e Sousa, oferecendo flores para o governador, e com os tamborins das baterias – antes de gato; agora sintéticos – para se tornar uma das testemunhas da folia em Florianópolis.

Hoje, com 64 anos, reúne um acervo de fotografias com a memória dessa trajetória que tem o Centro como palco. Numa delas, em 1976, Paulo Roberto toca seu instrumento de sopro em frente ao Ponto Chic. São registros de uma cidade transformada também visualmente. Mas onde seus moradores apaixonados pela folia tentam manter as raízes:

– Hoje, está mais difícil chegar na praça tamanha a multidão. Eu continuo vindo, mas fico com o Bloco Batuqueiros do Limão (o mais antigo e que se prepara para comemorar 50 anos em 2019) nas imediações – explica.

Com a experiência de quem conhece tão bem a folia da cidade, Paulo Roberto dá sugestões para que a festa não perca a essência:

– Eu acho que todos podem brincar, mas penso que os ritmos poderiam ficar separados. Quem gosta de marchinha e samba num espaço, enquanto o funk e sertanejo noutro canto. Nesse caso, cabe-

ria à prefeitura cuidar dessa organização. Penso que a segurança iria melhorar – diz.

FESTA EM FAMÍLIA

Carlos Livramento, o Dudu, é um distribuidor de medicamentos e material para laboratórios e hospitais na Grande Florianópolis, e André Couto, um publicitário. São dois entre os milhares de foliões que não abrem mão de sair fantasiados de mulher no Carnaval da Ilha. Para eles, não tem nenhuma conotação machista ou preconceituosa com relação a homossexuais:

– É uma brincadeira. Eu aprendi com meu pai. O Carnaval está no nosso sangue, pois meu avô, Pedro Alcântara, construía carros de mutação – conta, enquanto fecha os olhos para ser maquiado pela esposa, Sandra Azevedo, e se transformar no personagem que cai na folia no tradicional dia dos sujeitos no entorno da Praça XV.

O costume de sair nos sujeitos envolve a família: a sogra de Dudu, dona Cida, é a costureira das vestes.

– No sábado de Carnaval a gente tradicionalmente marca um lugar para o esquenta. Nossas esposas e namoradas nos encontram depois, a força delas é muito importante: não tenho o menor jeito para colocar esse turbante de Carmen Miranda – brinca Dudu, enquanto tenta um lugar para fincar o galho de péssimo no acessório.

Mais discreto, André não tem uma fantasia definida. Sai como boneca, às vezes repretendida pela namorada, Simone Olivier, que dependendo do gesto o corrige:

– Assim fica feio: faz como mocinha!

Notícias do Dia Especial "Relíquia de mais de 500 anos"

Relíquia de mais de 500 anos / Mapa do Brasil / Museu Histórico de Santa Catarina / Márcia Escorteganha / Restauradora / Doutora em Arquitetura e Urbanismo / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

Editor: DARIENE PASTERNAK
pasternak@noticiasdodia.com.br

NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 27 E 28 DE JANEIRO DE 2018

Especial.3

Relíquia de mais de **500 anos**

Fragmento de mapa do Brasil, elaborado no final do século 15, foi encontrado no acervo do Museu Histórico de Santa Catarina

CARLOS DAMIÃO
carlosdamião@gmail.com

O Museu Histórico de Santa Catarina, que funciona no Palácio Cruz e Sousa, preserva tesouros pouco conhecidos e, em geral, à espera de identificação e valorização. Nos últimos anos a administração da unidade cultural – vinculada à Fundação Catarinense de Cultura – tem investido no arrolamento dos materiais conservados ao longo de séculos; muitas dessas peças, entre documentos, medalhas, fotografias e objetos, têm inestimável valor histórico. Após essa etapa será feita a triagem e, num terceiro momento, o inventário propriamente dito.

Há poucos dias, a restauradora Márcia Escorteganha descobriu por acaso, no salão da reserva técnica, um fragmento do mapa do Brasil elaborado provavelmente no fim do século 15 pelo cartógrafo que acompanhava uma expedição de navegadores estrangeiros. Ela fez uma higienização a seco. O quadro, com uma réplica em tamanho maior (um terço em relação ao original), está exposto desde sexta-feira na Sala do Governador no Museu Histórico.

"Estima-se que esse mapa tenha sido confeccionado antes do Tratado de Tordesilhas (1494), em vista da divisão territorial que apresenta.

O Brasil era basicamente o litoral e a ilha de Santa Catarina está presente à marcação cartográfica", diz Márcia, doutora em arquitetura e urbanismo pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

No medalhão, que tem uma legenda, está escrito em alemão arcaico o seguinte texto, traduzido pela restauradora, com auxílio de ferramentas técnicas: "Continuação do Brasil para História geral pelo eixo longitudinal. Escala de medida baseada nas milhas marítimas francesas. Milhões de cidades indígenas destruídas baseadas no mapa geográfico da América feito pelo senhor Danville". Uma pista sobre a origem do mapa está em outra inscrição: "Fornecido por Glarmester J. A. Petersen - Dinamarca - Knabrostraede 9".

A referência às cidades indígenas é de total relevância para pesquisadores, porque mostra o território de grande extensão que os guaranis ocupavam – cercado ao centro do documento –, que à época pertencia ao Paraguai.

Não há informações sobre quem doou o mapa ao governo catarinense, nem sobre a época em que ocorreu essa doação. "Acredita-se que o dono do mapa era um dinamarquês. Na Dinamarca existe uma tradição cartográfica muito significativa", diz Márcia. ●



O mapa, com a localização da ilha de Santa Catarina um pouco acima do meio

Detalhe do medalhão (legenda) do mapa, em alemão arcaico

Modernização da cidade

Na sala da reserva técnica chamam atenção também dois volumes preciosos, com encadernação luxuosa, mas deteriorada, que documentam em fotografias as diversas etapas da implantação dos serviços de água e energia, durante o governo do coronel Gustavo Richard (período 1906-1910). Entre as imagens estão detalhes da construção da Usina Maruim (Colônia Santana, São José), a primeira hidrelétrica de Santa Catarina, que

trouxo energia para a Capital. A primeira lâmpada foi acesa na residência de Richard, no Centro. Ela está exposta num dos salões do Museu. "Esses dois volumes serão restaurados nos próximos meses, para que os visitantes possam conhecer as melhorias que a cidade recebeu durante a administração de Richard", observa Márcia Escorteganha. Gustavo Richard foi o governante que deu início ao processo de modernização de Florianópolis.

Trabalho metucioso

A administradora do Museu Histórico, Maria José da Costa Brandão, acompanha de perto os trabalhos de Márcia Escorteganha no interior do palácio. "A restauradora atua tanto na reserva técnica, onde estão objetos, imagens e documentos à espera de arrolamento e que depois passarão pela triagem e inventário, quanto na restauração dos diversos ambientes da edificação. Isso começou em 2014 e ainda não tem prazo para terminar, tudo é muito metucioso, segue critérios técnicos que demoram bastante a apresentar os resultados finais", diz Maria José. Os tetos estão prontos, assim como a marchetaria e os lustres. As paredes estão em processo de recuperação, com aplicação de uma

massa específica (que dá a impressão errada de que existem rachaduras). A parte elétrica será totalmente revisada e revitalizada a partir de 19 de fevereiro, com o fechamento do museu para o público visitante.

Cristiane Pedrini Ugolini, arte-educadora, relata que mais de 10 mil estudantes são atendidos anualmente no palácio, recebendo informações sobre o acervo do Museu Histórico. "Também atuamos com a formação de professores e recebemos públicos diferenciados, como moradores de rua e pessoas que são atendidas em centros terapêuticos para dependentes químicos", diz.

Em janeiro, por conta dos turistas, o museu recebeu 4.000 visitantes.



Restauradora Márcia Escorteganha (à esq.) com o mapa original. Arte-educadora Cristiane Pedrini Ugolini, com a réplica (um terço maior)

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

27/01/2018

Bloco de Sujos: a essência do Carnaval em Florianópolis

28/01/2018

Vapt-Vupt

Una salteña que se destaca lejos de Salto

**A privatização das Universidades, as grosserias matando Reitores e
medo de ser gestor**

Relíquia de mais de 500 anos encontrada no Museu Histórico